

POR ESSE GOIÁS AFORA ... MEMÓRIAS, (RES)SENTIMENTOS, ESQUECIMENTOS E SILÊNCIOS

Marilena Julimar FERNANDES

RESUMO

O texto propõe a partir das obras: *Memórias* de Pedro Ludovico Teixeira (1973) e *Por esse Goiás afora...* de Joaquim Rosa (1974) discutir se é possível desassociar memória dos sentimentos, ressentimentos, silêncios e esquecimentos. Nas lembranças/memórias dos dois autores existem zonas de sombra, silêncios, “não ditos”? O que esses não ditos podem nos dizer? Porque esses silêncios/esquecimentos implícitos ou não nas obras? Então, é possível dissociar memória, ressentimento, esquecimento e silêncio? É a partir dessa relação memória, esquecimento, silêncio e ressentimento presentes nas obras que pretende-se desenvolver o estudo.

Palavras-chave: Memória – ressentimentos – silêncios – esquecimentos

RÉSUMÉ

Le texte présent propose de commencer des travaux: *Memórias* de Pedro Ludovico Teixeira (1973) et *Por esse Goiás afora...* de Joaquim Rosa (1974) discuter si c'est possible dissocier mémoire des sensations, ressentiments, silences et manque de mémoire? Dans les mémoire des deux auteurs ombragez les régions existent, silences, "aucun a dit"? Celui ce n'ont pas dit qu'ils peuvent dans le proverbe? Parce que ces silences/manque de mémoire implicites pas dans les travaux? Alors, c'est possible désassocier la mémoire, ressentiment, manque de mémoire et est-ce je fais taire? Il commence de cette mémoire du rapport, manque de mémoire, silence et ressentiment présent dans les travaux qu'il projette développer l'étude.

Mot clef: Mémoire - ressentiments - silences - manque de mémoire

A partir das obras de Joaquim Rosa (1974) *Por esse Goiás afora ...* e de Pedro Ludovico Teixeira (1973) *Memórias*, ambas de natureza autobiográfica, o presente texto tem como objetivo discutir se é possível desassociar memória dos sentimentos, ressentimentos, silêncios e esquecimentos? Nas lembranças/memórias dos dois autores existem zonas de sombra, silêncios, “não ditos”? O que esses não ditos podem nos dizer? Porque esses silêncios/esquecimentos implícitos ou não nas obras? Então, é possível dissociar memória, ressentimento, esquecimento e silêncio;

O trabalho em questão nos coloca diante de uma discussão necessária para se entender a relação memória/ressentimento e memória/esquecimento. Para entender essa relação recorre-se, entre outros, a Pollak (1989), que ressalta que nas lembranças existem zonas de sombra, silêncios e *não-ditos*. As fronteiras desses silêncios e *não-ditos* com o esquecimento

Doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás/UFG e Professora da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Pires do Rio-Goiás.; julimar@superi.com.br

definitivo e o reprimido inconsciente não são estanques e estão em constante deslocamento. Essa característica de discursos, de silêncios é moldada pela angústia ou medo de se expor a mal-entendido. Nesse sentido, o discurso interior intervém com toda força, o compromisso com o não dito entre aquilo que o sujeito confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior.

Discutindo a questão do esquecimento, Jacy Seixas (2000) enfatiza que “*é impossível evitar um ponto polêmico: a indissociabilidade ente memória e esquecimento*”. (p.53). Segundo a autora o esquecimento, pelo prisma historiográfico, é enfocado como a negação da memória, nesse contexto, a função da História é *afugentar o esquecimento*. Para Seixas, o esquecimento forma par com a memória, ou seja, estão lado a lado e não podem ser separados. Existe uma relação necessária, desejável entre memória e esquecimento, pois ambos são indispensáveis à História. Ao contrário de entender o esquecimento como uma falha de memória, a autora afirma que a memória *nasce do esquecimento*.

Para a autora, o papel mais importante do esquecimento “*é o de impedir a interpenetração e confusão dos estados de consciência, de preservar todos os momentos do passado [...] É precisamente o esquecimento (involuntário) que tornará possíveis as ressurreições de memória, o acesso à verdadeira memória*”. (p.63). Lembrar e esquecer são atividades que não dizem respeito só ao passado/presente/futuro, pois recordar não é ressuscitar o passado tal como se ele se deu, mas reconstruí-lo. Se for assim, a reconstrução está intrinsecamente ligada ao momento presente e ao desejo/expectativa de futuro. Discutindo relação memória/ressentimento, Bresciani (2001) alerta que essa é uma questão: “*Sensível a das memórias acorrentadas a ressentimentos. Questão delicada, pois nos obriga a explorar regiões e temas a que somos resistentes, parte da historia dos ódios, [...] das hostilidades [...]. Sem dúvidas lugar da humilhação [...]*”. (p.12).

O ressentimento pode ser entendido como um sentimento duradouro e não passageiro, o ressentimento é cultivado e acalentado. Assim, o ressentimento não se manifesta apenas como uma situação de impotência, mas como uma forma de manifestação, como afirma Ansart (1999). Esse autor discute seis proposições complementares e é a quinta proposição, que diz respeito às “*conseqüências e manifestações do ressentimento*”. (p.20), que referenda esse projeto de pesquisa. Segundo esse autor, associar o ressentimento à impotência seria limitar os efeitos do ressentimento unicamente ao psiquismo dos indivíduos e construir a hipótese de que a expressão, a manifestação e a “*exteriorização do ódio teriam como conseqüência seu desaparecimento*”. (p.21)

Discutindo a questão da memória, Halbwachs (1990) considera a memória coletiva como algo natural, espontâneo, desinteressada, seletiva. Nessa acepção, a memória guarda do passado o que for necessário para se fazer uma ligação entre o presente e o passado. A memória não é fixa, porque lembrar não é reviver, ela é uma reconstrução do passado no presente. A memória é uma lembrança ou acontecimento partilhado por um grupo, constituída de fatos que marcaram a experiência de uma comunidade a ponto de se integrar a sua identidade, é, portanto, coletiva. Conforme argumenta o autor, a memória é um fato social, abandona a perspectiva individualista; construída socialmente, apresenta-se influenciada por grupos de valores duramente ligados a um sentimento de pertencimento. Halbwachs (1990) apresenta a memória como uma relação dialética entre lembrança e esquecimento, isto é: “*A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações [...]*”. (p.32).

Já Seixas (1990) ressalta que no lugar do caráter espontâneo da memória, ela é utilizada para responder a interesses políticos, uma vez que toda memória é "criação" do passado. Com isso, realiza-se uma reconstrução desempenhando um papel importante na maneira de como a sociedade mais heterogênea percebe o presente e reconstrói sua identidade. A memória torna algo poderoso para quem a controla. A autora enfatiza que “*toda memória [...] é uma memória para qualquer coisa, e não se pode ignorar sua finalidade política (no sentido mais amplo do termo)*”. (p. 07). A autora discute a relação memória - história como uma relação mais de conflito e oposição do que de complementaridade. Contudo, a oposição é construída sem que haja uma ruptura efetiva, uma vez que a memória pode ser vista como o conhecimento do passado. Nesse sentido, iniciaremos a discussão com a obra *Memórias*, de Pedro Ludovico Teixeira (1973), autor contemporâneo à "Revolução de Trinta" em Goiás que viveu a experiência desse movimento como sujeito ativo no processo, além de ser nomeado interventor e, a partir disso, escreveu suas memórias em 1973.

Seu livro pode ser dividido em três momentos. No primeiro, apresenta uma autobiografia que será discutida no decorrer do trabalho; no segundo, o autor, narra sua experiência na vida política passando rapidamente por sua participação ativa na *Revolução de Trinta* em Goiás; no terceiro momento do livro, destaca o processo de construção e mudança da capital do Estado da Cidade Goiás para Goiânia. Teixeira usa Chagas como artifício para criar a imagem da *Revolução de Trinta* em Goiás, ou seja, o rompimento *radical* com todos os antigos modos de vida da sociedade, enfatizando que: “*A revolta dos sonhadores que não se*

acomodaram com os mandões, encontrou na alma popular, permitindo que a revolução se tornasse triunfante afastando do poder os vendilhões da pátria e os que corrompiam o regime”. (p.52).

Para o autor, sua missão seria transformar a realidade, marcada por corrupção ou promover mudança social visando à eliminação da corrupção. A Revolução não acontece por acaso e nem por acordo políticos. Essa era uma missão conquistada com lutas, sacrifícios de amigos e familiares, entusiasmo; seu objetivo era o bem coletivo, o progresso do Estado. Buscava a união política visando a promover o estado rumo ao progresso, tirando-o do marasmo em que se encontrava e, principalmente, promover a si mesmo. Essa era sua estratégia política e não um acontecimento do acaso como pode ser entendido a partir do seu discurso. Procura, então, justificar a adesão do povo através do enfoque de seu comportamento autêntico, democrático e graças ao respeito devotado a todas as pessoas. Nesse sentido, pode-se pensar a memória histórica projetada pelo vencedor, ou seja, a omissão de resistência ou insatisfação da coletividade nessa memória, mais que isso, a tentativa de criar uma imagem homogênea desse processo Teixeira generaliza a *Revolução de Trinta* em Goiás argumentando que ela atingiu todo o Estado e o fez: “*Acompanhar a evolução geral e progressista que se nota em toda a parte. Encaminhou-o para todas as atividades conducentes ao bem estar público e particular, colocando-o de forma tal que um futuro promissor se lhe apresenta dentro de breves tempos*”. (p.119)

Com isso, pode-se perceber que a expectativa do autor era criar um pensamento constituído a partir da bravura, honestidade, democracia desqualificando, assim, seus adversários políticos. Para o autor, que integra as fontes de nossa pesquisa, a situação apresentava-se bem diferente das outras épocas, pois ocorria em Goiás um surto econômico positivo em todas as áreas de produção, além do crescimento comercial e industrial. O povo goiano estava cercado de garantias e o estado tinha toda capacidade de progresso. Segundo Teixeira, “*em Goiás tudo era ordem, trabalho, disciplina e atividade. Os antigos métodos de politicagem foram substituídos por outros de acordo com a índole e a mentalidade do povo goiano*”. (p132). Nesse sentido, o autor demonstra sua mentalidade de ruptura com o passado e o surgimento de um tempo novo, permeado de justiça paz e liberdade.

A concretização da ruptura com o atraso e o ingresso do Estado rumo ao progresso só seria possível com a mudança da capital. Teixeira ressalta que a transferência simbolizava os anseios dos goianos e os motivos que levaram a mudança são de origem econômica e social, destacando que:

A mudança da Capital é um empreendimento ciclópico, que vem operar no organismo goiano um verdadeiro descongestionamento, e melhor, uma projeção de todo o Estado no caminho do futuro, ele que, por injunções políticas, por conveniências partidárias, sempre se ateu a um presente calamitoso. (p147)

Lembrando que o homem público tem o seu valor intimamente ligado aos problemas sociais e políticos da época em que viveu e que a memória é seletiva, Pedro Ludovico contou seus feitos heróicos, usou e abusou do direito de omissão de verdades, de silêncio, esquecimento e não saiu de suas atitudes ousadas. Portanto, precisa-se de uma análise cuidadosa de sua obra, contrapondo-a a outras memórias, para uma melhor compreensão de seu papel enquanto político íntegro, honesto e que tudo fez pelo bem do Estado de Goiás.

Segundo Pollak (1989), existem nas lembranças zonas de sombra, silêncios, não ditos e “*as fronteiras desses silêncios e não ditos com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em constantes deslocamentos*”. (p.08). Nesse sentido, o discurso revela o compromisso com o que Ludovico pretende deixar velado, ou seja, há um trabalho de seleção dos dados que possibilita explicitar somente o que interessa para a construção da imagem de um político íntegro.

Para tanto, valendo-se de sua própria narrativa, destaca as imagens que constrói de si mesmo preocupando-se com as imagens que as outras pessoas pudessem ter dele. Os esquecimentos ou silêncios possuem como objetivo ocultar imagens ou fatos que pudessem manchar sua trajetória política. Ludovico precisava expressar apenas o que pretendia transmitir, sua atividade política precisava tornar significativa para os outros, para tanto, enfatizava certos aspectos *esquecendo-se* de outros. Conforme as circunstâncias ocorre a necessidade de certas lembranças. No caso de Pedro Ludovico, que foi cassado pela Junta Militar, a ênfase às suas lembranças é dada no sentido de reconstruir um passado glorioso. Dessa forma, remete ao passado deformando-o e reiterando o presente. Assim, também, “*há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido*”. (p.09).

Com intuito de compreender esses silêncios ou “esquecimentos” implícitos na obra de Pedro Ludovico Teixeira, recorreremos a outras fontes. Não encontramos muitos trabalhos que pudessem nos ajudar na desconstrução dessa memória, uma vez, que grande parte dos estudos utilizam a obra *Memórias* como fonte e se apropriam das *Memórias* do autor. Apenas dois trabalhos foram encontrados: o de Joaquim Rosa (1974) e o de Mírian Bianca Amaral Ribeiro (1996). Pode-se afirmar que a narrativa de Joaquim Rosa percorreu um caminho inverso da autobiografia apresentada por Pedro Ludovico, em sua obra *Memórias*, e apropriada pela historiografia goiana. Enquanto essa historiografia utilizou a obra de Pedro Ludovico como fonte, Rosa faz suas análises a partir de sua própria vivência durante a *Revolução de Trinta*

em Goiás, uma vez que naquele período exercia a função de editor chefe de um dos principais jornais do Estado de Goiás: *O Ypameri*.

Ao contrário da obra de Pedro Ludovico que apresenta um homem *fora do comum*, íntegro, honesto, que se deixava levar pelas paixões políticas e pelo desejo de fazer o Estado de Goiás crescer, progredir, Rosa nos apresenta um homem esperto, incoerente que, no final dos anos vinte, e, particularmente, em 1930, tanto criticou as práticas políticas violentas dos Caiado, logo após assumir a Interventoria do Estado repetia as mesmas atitudes. Segundo Rosa, Ludovico soube utilizar-se dos meios *obscuros* empregados pelos seus antecessores como estratégia política, buscando manter seu poder por meio da violência, da censura, da perseguição administrativa no período em que o próprio Ludovico considera o pós-trinta uma fase de ruptura, de tempos *novos*.

Na obra *Memória*, Pedro Ludovico reafirma, em diversos momentos, a imagem da ruptura com o passado – antes de trinta – visto por ele como um tempo de todos os *agravos, dos conchavos políticos, do atraso*. O pós trinta como um *tempo novo, o tempo de ordem, do progresso, da moralização política*. Contrapondo-se a essa idéia de ruptura, Rosa (1974) apresenta uma continuidade nas práticas políticas ressaltando que: “*A revolução de trinta arquivou o Caiado, mas o caiadismo como fenômeno político, [...]. O pronunciamento de trinta limitou-se em Goiás, a substituir um coronel de igual graduação, doutores os dois, [...]. Antônio Ramos Caiado, depois Pedro Ludovico Teixeira. [...] Novos e velhos políticos se assemelhavam em tudo. [...]*”. (p.150/158).

Ainda contrapondo-se à idéia de ruptura, Rosa afirma que a política de Pedro Ludovico foi uma continuidade dos *velhos* tempos, violento, agressivo, impertinente. Ao contrário de seus tão decantados princípios, suas práticas demonstraram ser completamente contraditórias aos seus discursos. Nesse sentido, Rosa (1974) enfatiza: “*Expressões de curso forçado até outubro de 1930: “O Caiado já sabe? [...]. É capaz de ficar zangado.” Depois de 1930: O Doutor Pedro já sabe? Falou ao Doutor Pedro? [...]. É capaz de ficar zangado.” [... Ludovico os ensinamentos do antigo pajé contra o qual tanto lutara.* (p62).

Longe de ser um herói, Ludovico corporificou a imagem de um anti-herói, de alguém que soube arditosamente abusar do poder. Essa idéia fica evidente quando Rosa narra o processo de disputa política entre Ludovico e Velasco pelo governo do Estado de Goiás em 1933, enfatizando: “*O interventor fez funcionar a máquina administrativa, policial e judiciária, [...] de imprensa oposicionista. [...] Funcionários públicos adversários eram degolados sumariamente. [...] Formou-se em torno do palácio de Ludovico tudo que repetia os velhos áulicos de outros tempos*”. (p. 148/149).

Rosa, por ser um contemporâneo de Ludovico, utilizou-se, além de suas próprias memórias, de artigos de jornais, como *O Ipameri*, *O Popular*, e de discursos feitos pelo próprio Pedro Ludovico para contestá-lo e mostrar suas contradições em vários momentos. Vejamos algumas das diversas argumentações utilizadas pelo autor para elucidar as contradições e incoerências políticas de Ludovico. Para demonstrar as incoerências entre os discursos e as práticas de Ludovico, Rosa (1974) utiliza um discurso feito pelo próprio Interventor, criticando a *politicagem* goiana antes de 30:

Sempre surgem os personalismo neste ambiente de lutas pela posse do poder, desencadeando paixões que, em vez de construir, não raro provocam desequilíbrios. Sem se perceber, volta-se aos erros do passado, cujos arranhões ainda não se cicatrizaram na mentalidade das nossas massas, influenciadas por várias décadas de política rateira e de costumes rebarbativos. No subconsciente da maioria dos nossos próceres subsiste a inclinação retrógrada e involuída dos nossos antepassados e dos que recentemente afastamos como imprestáveis como caciques, como “profiteur” dos postos que degradaram. (p.148)

No livro *Memórias*, Pedro Ludovico Teixeira narra sua vida política ressaltando seu papel de um político influente e respeitado no Estado de Goiás e até mesmo no país. No sentido de reafirmar sua influência política, reconstruiu a imagem do médico como *salvador*, ou como aquele capaz de curar as doenças do povo. Joaquim Rosa, ao narrar o processo de disputa política entre Velasco e Ludovico pelo Governo do Estado de Goiás, em 1933, faz uma leitura contrária em relação tanto à imagem de Ludovico como médico, como também, de sua influência política. Segundo esse autor,

Ele, Ludovico, aboletado no cargo de Interventor não passava, de resto, de um paisano vindo do sudoeste onde andou receitando purgante de “lá-roi”, aguardente alemão, formulando xaropes de benzoato de sódio para as encrências dos pulmões, ou lancetando perebas zangadas nos cangotes dos capiaus do Rio Verde e dos capangas do sogro. [...] A continuidade revolucionária, com Ludovico no palanque, bom pretexto. O negócio era rendoso. (p. 140)

Ao narrar sua atividade política no Estado, a partir de 1930, Ludovico optou pela omissão, não falando das práticas violentas. Para se defender de seus opositores e concluir seus projetos, Ludovico utilizava meios *obscuros* como deixa claro Rosa em um texto de seu livro intitulado *Tempo Quente*.

Quando Ludovico percebeu que a onda subia, ameaçando seriamente seus projetos fez o que faria qualquer outro político da mesma naipe (sic). Arregaçou as mangas, [...] e derrubou a madeira no adversário sem dó nem piedade. [...] Não podendo vencer pela persuasão, convenceu com a borduna. Repetiu os que os Caiado fizeram. [...] Ludovico não escapou do quadro por ele mesmo esboçado [...]. (p. 150 / 196).

Ainda enfatizando a questão da violência como prática política utilizada por Ludovico, Rosa faz uso da seguinte nota publicada no jornal *O Popular* de Goiânia, de 19-3-1965: *A luta pela mudança da capital de Goiás, as quedas políticas, tudo está cuidadosamente catalogado, não faltando às violentas polêmicas onde, pode-se dizer,*

somente escapavam as mães dos polemistas. (p.194). Discutindo o processo de construção da nova Capital do Estado de Goiás, o grande projeto de Pedro Ludovico, Rosa destaca a violência que foi utilizada por seu idealizador no sentido de concluir seu grande projeto. Segundo Rosa (1974):

Goiânia está aí. Ultrapassou no tempo e no espaço a profecia de seu próprio idealizador. [...] Agigantou-se. Não estaria esplendorosa e atraente, se Ludovico não bancasse o teimoso e, sobretudo o violento. Os fins justificam os meios empregados para consegui-los? Sabe-se lá. No caso de Goiânia parece que sim. (p. 200).

A imagem de Pedro Ludovico como um homem violento aparece também no trabalho de Ribeiro (1996), quando ela ressalta que todos os entrevistados – membros da família Caiado – “*foram enfáticos em relatar as perseguições que os familiares viveram sob o governo de Pedro Ludovico. A começar pela total falta de liberdade e expressão*”. (p. 161). Outra questão interessante é a referência que Rosa (1974) faz a Ludovico quando o Interventor fez uma visita à cidade de Ipameri:

E lá veio o interventor e seu bando comendo banquetes e discursos, ouvindo charangas e estrondos de rojões. [...] A ordem era aprontar um carnaval sem caráter político. [...] Ele gostava de badalação, todo mundo gosta. [...] Por um lapso, ou seja, lá o que fosse às necessidades do povo e outros ingredientes que co-honestaram o chaleiramento e a ganância de dinheiro, ficaram de lado. (p. 131).

É interessante lembrar, também, que, segundo Ribeiro, a família Caiado, ao falar de Pedro Ludovico Teixeira, resgata a imagem “*de um homem que bebia muito e a de que seu pai era dono de um cabaré em Uberlândia.*” (p. 132). Uma outra narrativa recorrente, na obra de Ribeiro, envolvendo Pedro Ludovico, refere-se a sua prisão em Rio verde e sua transferência para Goiás Capital. Segundo Ribeiro (1996), “*Totó Caiado recebeu um telegrama na cidade de Goiás afirmando que estava difícil controlar o povo que queria linchar Pedro Ludovico [...] Segundo a família, Pedro Ludovico tinha consciência de que devia a vida a Totó Caiado, por este haver impedido o linchamento do então acuado e amendrotado Pedro*”. (p.131). Dessa forma, a imagem criada por Ludovico como de um homem corajoso entra em contradição com a narrativa da família Caiado ao caracterizá-lo como medroso e assustado.

Contudo, lembrar e esquecer são atividades que não dizem respeito apenas ao passado, mas que estão ligadas ao passado, presente e futuro, uma vez que recordar não é ressuscitar o passado tal como ele se deu, mas reconstruí-lo. Assim, a reconstrução está intrinsecamente ligada ao momento presente e ao desejo ou expectativa de futuro. No caso de Pedro Ludovico, de preservar suas imagens cuidadosamente reconstruídas. Enquanto,

em suas *Memórias*, Ludovico destaca uma carreira política voltada para o progresso, Rosa (1974) enfatiza que se para os Caiado a garantia de “*posse da política goiana estava ligada ao*

atraso do Estado, Ludovico enxergava dois dedos a mais do que o mestre Totó Caiado. Sua garantia de posse estava condicionado ao que se chamaria mais tarde de subdesenvolvimento, com todas as causas e conseqüência”. (p. 65). Conforme ficou evidenciado, valendo-se de vários silêncios, Ludovico, pode em suas *Memórias*, construir uma trajetória política aparentemente voltada para princípios de integridade e honestidade, visando a reafirmar para a sociedade seu comprometimento com o desenvolvimento do Estado de Goiás, em nenhuma circunstância esquecido. Entretanto evidenciou-se que, além das mudanças nas práticas políticas, as permanências também fizeram parte de sua história política. Foi possível perceber que as permanências foram, quase sempre, transformadas em silêncios que produziram a ilusão da mudança.

Na tentativa de manter sua integridade política o autor não permitiu que determinadas recordações “manchassem” sua imagem de *herói*, de *homem fora do comum*, de *homem-guia* do Estado de Goiás. Por isso, reconstruiu o passado, ora ignorando, ora dissimulando os momentos polêmicos que pretendia que fossem esquecidos. Em outros momentos procurou reconstruir a imagem ideal para reafirmar naquele momento – Ditadura Militar – seus valores políticos.

FONTE

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. *Memórias*. Goiânia: Ed. Cultura Goiana, 1973.

ROSA, Joaquim. *Por esse Goiás afora* Goiânia: Cultura Goiana, 1974.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia sobre Goiás

CHAUL, Nasr Fayad. *A Construção de Goiânia e a transferência da Capital*. Goiânia: CECRAF/UFG, 1988. Coleção Documentos. Goiânia n 17.

_____. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: CECRAF/UFG, 1997.

FERNANDES, Marilena Julimar. *Memória e Ressentimentos: Pedro Ludovico Teixeira*. OPSIS – Revista do NIESC: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais. Catalão – Goiás: Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão. Vol. N. 2 Jul./Dez. de 2002.

_____. *Percursos de Memórias: A Trajetória Política de Pedro Ludovico Teixeira*. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2003. Dissertação de Mestrado.

KAADI, Maiara de Simone. *Joaquim Rosa: Memória e Política em Goiás (1929-1934)*. Goiânia-Goiás: Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, 2007. Dissertação de Mestrado.

RIBEIRO, Mírian Bianca Amaral. *Memória, família e poder: História de uma permanência política – os Caiado em Goiás*. Goiânia: UFG, 1996. Dissertação de Mestrado. (mimeo).

Bibliografia Geral

ANSART Pierre... [et al]. *Papel da memória*. Campinas – São Paulo: Pontes, 1999.

BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas – São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV v. 2 n. 3, 1989.

SEIXAS, Jacy A de. “Os campos (in) elásticos da memória: reflexão sobre a memória histórica”. In: Bresciani, M. S. Magalhães, M.B., Seixas, J. A. (org.), *Razão e sentimentos na política*. Brasília: Ed. UNB, 2001.

_____. “A aprendizagem (proustiana) da memória e do esquecimento e a discussão historiográfica hoje”. In: *Anais do XI Encontro Regional de História – ANPUH-MG*. Uberlândia: UFU, 1998.

_____. “Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas atuais”. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas – São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

_____. “comemorar entre memória e esquecimento.” In: *História e Debate*. 2000. UFPR.